

UTOPIA



Utopia

Revista Anarquista de Cultura e Intervenção

Nº 27 - 28
Janeiro-Junho 2009
Julho-Dezembro 2009
6,00 Euros
(isento de IVA)



Director

Carlos António Nuno

Colectivo Editorial

Carlos António Nuno, Claire Auzias,
Guadalupe Subtil, Henrique Garcia Pereira,
Ilídio Santos, J. M. Carvalho Ferreira,
José Janela, José Quintal,
Manuel Almeida e Sousa, Mário Rui Pinto,
Mónica Fraga.

Colaboradores

Alicia Zarate, Antoni Castells,
Armando Veiga, Arno Gruen, Attila Toukkour,
Carlos Díaz, Christian Ferrer, Cleber Rudy,
Edson Passetti, Elisiário Lapa, Eric Roset,
Fonseca Benevides, Francisco Madrid,
José Maria Quadros, José Tavares,
Lia Chaia, Luciano Lanza, Luís Chambel,
Maria Oly Pey, Mimmo Pucciarelli,
Pietro Ferrua, Quim Sirera.

Capa

José Maria Quadros
Insana Demanda

Arranjo Gráfico

Teresa Fonseca

Propriedade

Associação Cultural A Vida
Publicação Semestral Registrada no
Ministério da Justiça com o nº 118640

Impressão

DPI Cromotipo-Oficina de Artes Gráficas, Lda.

Redacção e Assinaturas

Apartado 2537 - 1113
Lisboa Codex - Portugal

E-mail: CulturalAVida@sapo.pt

Web site: <http://www.utopia.pt>

Sumário

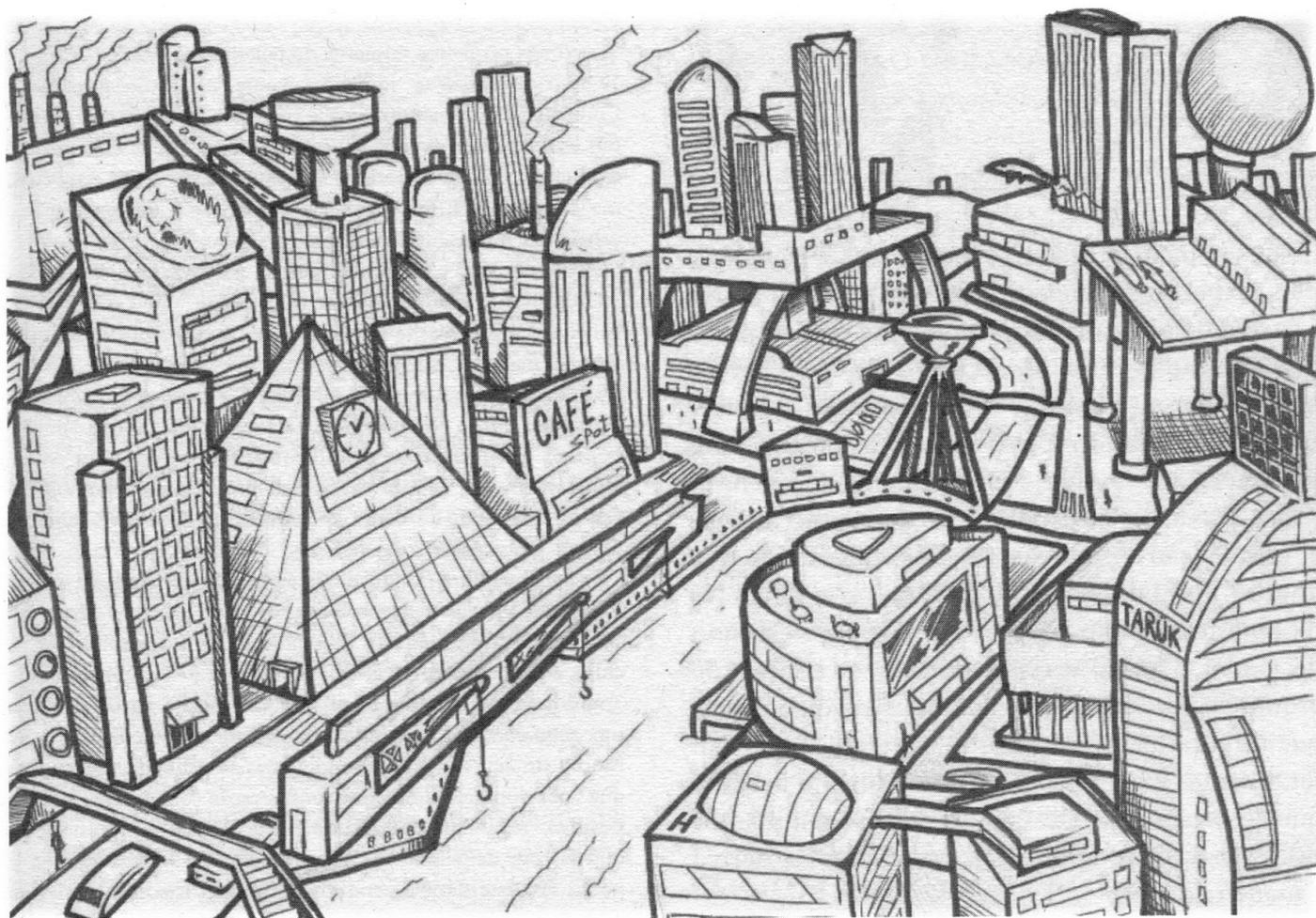
Editorial	2
Aveso do avesso	
Guadalupe subtil	5
Dossier Mundos Urbanos e Vidas nas Cidades	
Do Homo Rurális ao Homo Urbanus	
José Maria Carvalho Ferreira	11
Algumas questões sobre a cidade	
Mário Rui	17
Urbanismo experimental ou programático	
Henrique Garcia Pereira	23
Programa Elementar da Comissão de Urbanismo Unitário	
Attila Kotanyi e Raoul Vaneigem	25
A propaganda da cidade-praia pelo exemplo: contensaios sobre um urbanismo costeiro de carácter experimental	
Henrique Garcia Pereira	27
O arquitecto no capitalismo urbano	
Sílvia Branco Jorge	37
Do estrume às ETAR's	
Guadalupe Subtil	41
Trabalho, uma noção questionada	
José Tavares	45
Uma semana de Janeiro de 1919	
Christian Ferrer	51
Dossier Anarquia/Pós-Anarquismo?	
É possível uma outra via para o Anarquismo? "Anarquismo, neo-anarquismo e pós-anarquismo"	
Claire Auzias	59
A propósito do Pós-Anarquismo e do Neo-Anarquismo	
Tomás Ibáñez	63
Para dar um fim aos sábios juízos!	
Edson Passetti e Acácio Augusto	73
Errico Malatesta e a organização anarquista como prática da liberdade	
Nildo Avelino	77
Atitudes de Modernidade: autonomia libertária e estética da existência	
Carlo Romani	89
Edgar Rodrigues - o Homem e a Obra	
José Maria Carvalho Ferreira	101
Em forma de despedida - Síntese sobre a Vida e Obra de Edgar Rodrigues	
Marcolino Jeremias	103
Luis Andrés Edo (1925-2009) Um anarquista de verdade	
Doris Ensinger	107
Na morte de Luis Andrés Edo	
Pep Castells	111
Morte de Abel Paz a 13 abril 2009	
Claire Auzias	115
Críticas de livros	
<i>Réfractions</i> , Primavera de 2009	
Claire Auzias	117
Eterno retorno sobre um eterno debate: feminismo e/ou anarquismo	
Claire Auzias	118
Revista Anarquista <i>Húmus</i>	
José Maria Carvalho Ferreira	121
<i>Al Margen</i> : O prazer de não estar à margem	
José Maria Carvalho Ferreira	122
<i>Théorie du voyage</i> , Michel Onfray	
Henrique Garcia Pereira	123
<i>Una città</i> , nº 164, 165, 166	
Henrique Garcia Pereira	124
Publicações Recebidas	126
Princípios Editoriais	128

URBANISMO EXPERIMENTAL OU PROGRAMÁTICO?

HENRIQUE GARCIA PEREIRA

O urbanismo, hoje, confunde-se com a organização da vida social, visto que toda a gente vive (ou aspira viver) em cidades (da mais variada extensão e tipologia). E se essa organização social se opera, nos seus traços gerais, segundo o condicionamen-

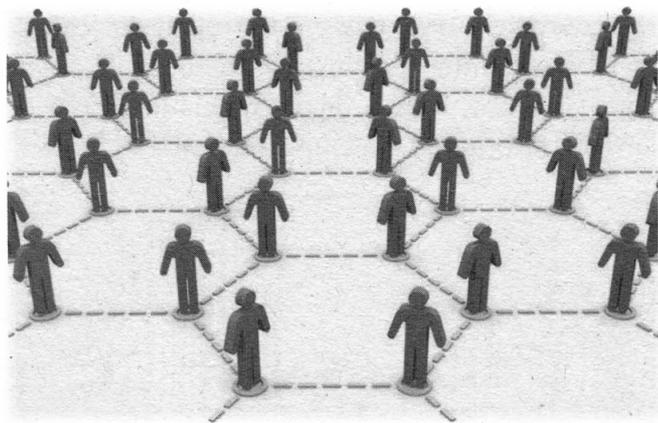
Foi no contexto da controvérsia sobre os 'planos' de reconstrução massiva das cidades europeias no pós-guerra de 1945 (e de construção de 'cidades novas', segundo um modelo standard) que se desenvolveu a crítica da IS (iniciada já com os 'letristas'²) à ideologia que dominava o 'urbanis-



to capitalista, também é verdade que é nas cidades que surgem as únicas revoltas significativas (e frequentes) contra o poder instituído. Tais revoltas desencadeiam-se quotidianamente no espaço urbano planetário, dirigindo-se – em primeiro lugar – contra a rígida hierarquia do habitat e dos meios de circulação¹.

mo' desses tempos, e que não era mais do que uma 'variante' das doutrinas de Taylor e Ford sobre a produção em cadeia, agora dirigida à fixação de um modo de vida 'racional', do ponto de vista do establishment. Esse modo de vida representa a imposição, pelo capitalismo, de uma certa 'materialização do possível', excluindo as

outras. Mas é precisamente nessas OUTRAS que se pode procurar a “vida boa” (Espinosa) a que cada indivíduo tem direito, na linha de Charles Langhton (“*life as it could be*”) e de Miles Davies (“*Don’t play what’s there, play what’s not there*”). Aliás, é sintomático que o texto do ‘letrista’ russo Ivan Chitchevlov «Formulário para um novo urbanismo³» tenha como epígrafe uma linha de Shakespeare que dá a mesma ideia (“*Sire, I am from the other country*”).



Essa(s) vida(s) outra(s) só pode(m) ser construída(s) experimentalmente. Desde o flâneur solitário à la Baudelaire, até às redes sociais contemporâneas baseadas num uso criativo da Web (e em outras formas alternativas de comunicação electrónica⁴), passando pelos diversos grupos que pratica(va)m a ‘deriva’ como forma de intervenção urbana, todas estas experiências de interação com a cidade são revolucionárias porque tendem a ‘mudar a vida’, criando *bottom-up* uma dinâmica de liberdade que põe em causa o espaço estriado do poder⁵. Nesta vertente prática, a criação de arquipélagos de convivialidade revolucionária que proliferou pelo planeta materializou-se em fervilhantes experiências de ‘nomadismo urbano’ que se prolongam até hoje (com base em grupos psicogeográficos autónomos, inspirados na deriva à maneira da IS⁶).

Na outra face da moeda das propostas da IS para o urbanismo, surge uma atitude ‘programática’, que propõe *top-down* uma nova ‘ideologia’ em que impera um processo unitário de raiz hegeliana, levando à dissolução das tensões sociais numa qualquer ‘totalidade’ finalista, projectada teleologicamente para uns vagos – e miríficos – “conse-

lhos operários”. Esta vertente nostálgica em busca de uma unicidade perdida levou ao despedaçar da IS em cisões e expulsões que fazem lembrar algumas atitudes à la Lenine, na linha de um certo marxismo completamente absurdo (e historicamente serôdio). Quem se lembra hoje que Debord era ‘conselhistas’? ✨

¹ Por que é que, no grau zero da hierarquia habitacional (os chamados ‘bairros periféricos’), se deita fogo aos automóveis como primeira exteriorização da revolta contra as condições de vida?

² Logo nos primeiros números do boletim POTLATCH (1 e 5, de 1954) ridiculariza-se impiedosamente a arquitectura de Le Corbusier, proclamando que ele projecta “casas-caixas” segundo um estilo do tipo “caserna”, conduzindo a “guetos na vertical” (com a prisão como modelo). No ápice desta sátira do ‘programa’ funcionalista, faz-se notar o contra-senso da construção de catedrais e igrejas (de funcionalidade nula).

³ Escrito em 1953 e publicado (parcialmente) no Boletim da IS nº 1 (1958) sob o pseudónimo de Giles Ivain,, onde se critica já a banalização que assaltava a sociedade da época, fosse ela capitalista ou ‘marxista’.

⁴ É interessante notar que, já em 1959 (*L’urbanisme unitaire à la fin des années 50*), a IS chamava a atenção para os regulamentos policiais que “reduziam os radioamadores a escuteiros”, numa arguta antevisão da gigantesca manobra desenvolvida hoje pelo estado, no sentido de ‘controlar’ a utilização livre das tecnologias digitais.

⁵ Na bela metáfora científica que aparece no ponto 8 do texto de Kotanyi & Vaneigem, transpõe-se para a luta social o conceito de “buraco positivo” da física do estado sólido (com aplicações nos chips e células foto-voltaicas). Se uma pequena quantidade de ‘impurezas’ – a **agitação revolucionária local** – for adicionada a um semi-condutor (material que é isolante ou condutor em função do seu nível de energia), cria-se artificialmente (diz-se que “por doping”) uma nova configuração com excesso de carga positiva, resultante da substituição de átomos em equilíbrio por outros com deficit de electrões. Altera-se assim o sistema do ponto de vista da sua condutividade eléctrica, através de uma perturbação infinitesimal que afecta apenas “umas pequenas parcelas da sua superfície”.

⁶ Sendo impossível dar uma panorâmica minimamente representativa dos grupos deste tipo – de âmbito e importância muito diversos – que surgem em quase todas as cidades do mundo contemporâneo, salienta-se – pela sua abrangência, conteúdo em exemplos concretos e actualidade (Julho 2009) – o documento “*Psychogeography now – window to the urban future*” (disponível em <http://photoblog.urbansquares.com>).

POEMA DENTRO DA CIDADE

a raiva
neurótica
passeia-se pela cidade

ébrios
os pássaros
suicidam-se

atónitas estátuas
vociferam



ocasionalmente as pessoas
petrificam-se

a verdade
é lume
amontoando fuligem

enquanto
a gélida robótica
dita futuros

que já não existem

(Almeida Quadros /2009)